

## DO CAPÍTULO SOBRE A DESSUBLIMAÇÃO REPRESSIVA N’O HOMEM UNIDIMENSIONAL, DE HERBERT MARCUSE

Pedro Henrique Magalhães Queiroz\*

**Resumo:** Este artigo é o resultado de uma pesquisa feita a partir do terceiro capítulo, *A conquista da consciência infeliz: dessublimação repressiva*, contido no livro *O homem unidimensional* (1964) de Herbert Marcuse (1898-1979). O teor do texto está, aqui, mais próximo do caráter de um fichamento ou resenha crítica, subdividido em três temas: 1. A integração da “cultura superior” e a perda de sua capacidade sublimadora; 2. A alienação artística como expressão do impasse entre integração (carência de oposição) e lugar mesmo de oposição; 3. A dessublimação repressiva como outra forma de captura da subjetividade, e agora pelo viés do princípio de prazer. Esperamos, com ele, fornecer subsídios para reflexões vindouras.

**Palavras-chave:** Sociedade unidimensional; Dessublimação repressiva; Estado de bem-estar social; Estado de guerra.

## FROM THE CHAPTER ON REPRESSIVE DESUBLIMATION IN HERBERT MARCUSE'S ONE-DIMENSIONAL MAN

**Abstract:** This article is the result of research from the third chapter, *The Conquest of Unhappy Consciousness: Repressive Desublimation*, contained in Herbert Marcuse's *The Unidimensional Man* (1964) (1898-1979). The content of the text is here closer to the character of a paper or critical review, subdivided into three themes: 1. The integration of the “higher culture” and the loss of its sublimating capacity; 2. Artistic alienation as an expression of the impasse between integration (lack of opposition) and even place of opposition; 3. Repressive desublimation as another way of capturing subjectivity, and now by the pleasure principle. We hope with him to provide input for further reflection.

**Key-words:** One-dimensional society; Repressive desublimation; Welfare state; Warfare state.

---

\* Licenciado e Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará. E-mail: pedro.magalhaes-7@outlook.com

## Introdução

Herbert Marcuse, habitando o continente americano no segundo pós-guerra, publica em 1964 um livro seminal à teoria crítica intitulado *One-Dimensional Man: Studies in the Ideology of Advanced Industrial Society*. Esse livro possui a relevância de refletir criticamente em pleno contexto da suposta abundância mercantil, os anos dourados do estado de bem-estar social europeu, os Trinta Gloriosos que vão de 1945 a 1975. Seu principal problema, como pensador dialético, é apontar que as sociedades industriais avançadas carecem de oposição, são unidimensionais. O conceito que melhor abarca o problema é o de integração.

Nesse sentido, trata-se para Marcuse de perceber como o problema da integração à ordem capitalista se expressa desde a ausência de força contestatória das lutas políticas às suas implicações culturais (ou artísticas), libidinais (a ordenação social do prazer) e no terreno da linguagem. Em suma, como uma consciência integrada à ordem vigente recai em uma imediatez, tornando-se incapaz de tensiosar com o mundo existente, incapaz de figurar algo além do dado, e assim superar as alienações próprias a uma sociedade mercantil baseada na inversão entre sujeito e objeto, entre ser humano e mercadoria, entre o produtor e o processo de produção.

A passagem do primeiro para o segundo capítulo do livro aponta que o fundamento do problema diz respeito a como o desenvolvimento técnico se apresenta como o configurador da perda da força social do trabalho, sendo essa perda o principal fator da redução de sua força política. No terceiro capítulo, *A conquista da consciência infeliz: dessublimação repressiva*, o qual nos interessa aqui analisar, o problema da integração, da carência de oposição será analisado em três níveis: o cultural, o artístico, o libidinal. Atravessados criticamente esses três níveis pretendemos resumir o diagnóstico de Marcuse numa interdependência entre estado de bem-estar social e estado de guerra, entre consciência feliz, satisfeita, integrada, e fascismo, como apontamentos para desdobramentos futuros.

## 1. A integração da “cultura superior” e a perda de sua capacidade sublimadora

O problema da relação entre o desenvolvimento técnico e a sublimação<sup>257</sup> cultural é uma contradição crucial apresentada por Herbert Marcuse. A “cultura superior”, aquela das produções artísticas e filosóficas ocidentais (das clássicas às mais especificamente modernas), acaba sendo ultrapassada pela capacidade técnica de realização. Se a sublimação diz de uma figuração do desejo não realizado, a cultura pode ser vista como essa esfera em que o homem ao mesmo tempo introjeta a repressão civilizatória e busca formas de recusá-la. No caso da experiência social capitalista, seu desenvolvimento técnico acaba por possibilitar, na prática, a realização dos anseios mais básicos, e mesmo os mais elevados, como a superação das necessidades e a conquista do reino da liberdade. Ao não ser superada essa forma de organização social, ela acaba por conter, administrar, todo esse potencial sublimado que agora se apresenta como realizável. Ela o faz por meio da dessublimação, da integração desta “cultura superior” como mercadoria. É nesse sentido que Marcuse diz:

A realidade ultrapassa sua cultura. O homem hoje pode fazer mais do que os heróis da cultura e semideuses; ele resolve muitos problemas insolúveis. Mas ele também traiu a esperança e destruiu a verdade que estava presente nas sublimações da cultura superior. (MARCUSE, 2015, p. 85).

A questão para Marcuse é saber como o advento da sociedade industrial avançada integra o caráter ambíguo da cultura superior, sua impotência diante da transformação da realidade e sua verdade (sua esperança de felicidade), e, ao integrá-la, inviabiliza essa mesma verdade, a sua tensão com o mundo existente.

---

257 O conceito de sublimação é proveniente da teoria psicanalítica de Sigmund Freud (1856 – 1939), está no centro de um texto seu intitulado *O mal-estar na civilização* (1930). Não pretendemos elaborar aqui a distinção entre civilização e cultura, nos interessa apenas apontar que sublimação diz respeito a uma elaboração subjetiva, consciente e inconsciente, da repressão ou do limite (im)posto natural e socialmente; obras de arte, pensamento científico e filosófico elaborado etc., são possíveis apenas numa interiorização, numa mediação que se alça além da imediatez da satisfação. Nesse sentido, a cultura como sublimação carrega consigo uma ambiguidade, elabora uma perda e a tensiona. O conceito de dessublimação em Marcuse irá apontar como esse lugar ambíguo da cultura, da sublimação, ao mesmo tempo uma perda diante da realidade e um tensionamento com ela, regride à imediatez da satisfação nas sociedades industriais avançadas.

## 1.1 Não é que a “cultura superior” torna-se cultura de massa, mas que mediante o desenvolvimento técnico o homem já pode mais do que um dia imaginou

Em sua Introdução à *Contribuição à crítica da economia política* (1857), Karl Marx escreve o seguinte: “Toda mitologia supera, domina e plasma as forças da natureza na imaginação e pela imaginação; desaparece, por conseguinte, com o domínio efetivo daquelas forças” (MARX, 2011, p. 63). O pensamento de Marcuse segue essa trilha; o domínio técnico da natureza, do metabolismo que atende as necessidades materiais, torna de certo modo obsoleta uma característica essencial da cultura, a sublimação, seja ela manifesta como mitologia, arte ou mesmo pensamento abstrato, na medida em que as forças da natureza, no enfrentamento da qual se constituem as formas civilizatórias, estão em larga medida dominados pela técnica humana. O fim do reino da necessidade é uma conquista às mãos, realizável, não apenas a sonhar. Assim, a principal questão que a teoria crítica põe ao âmbito da cultura tem a ver com a crítica de Marx à filosofia, quando dizia que os filósofos se limitavam a interpretar o mundo de distintas maneiras enquanto caberia transformá-lo, em suas *Teses sobre Feuerbach*. Atingido o estágio técnico da automação, a principal questão prática posta é a da redução do tempo dedicado às primeiras necessidades e ampliação de todo o potencial humano, sua liberdade e criatividade. A cultura já não precisa ser uma instância apartada e prefiguradora, ao contrário, precisa integrar-se à vida cotidiana como elemento potencializador. No entanto, ao vigorarem as relações capitalistas, essa reintegração ocorre de maneira perversa como captura de seu potencial negador:

O que está acontecendo agora não é a deterioração da cultura superior na cultura de massa, mas a refutação dessa cultura pela realidade. A realidade ultrapassa sua cultura. O homem hoje pode fazer mais que os heróis da cultura e semideuses; ele resolveu muitos problemas insolúveis. Mas ele também traiu a esperança e destruiu a verdade que estava preservada nas sublimações da cultura superior. (MARCUSE, 2015, p. 85).

## 1.2 A realização das possibilidades sublimadas requer a superação da forma de organização social vigente

No Prefácio da *Contribuição à crítica da economia política*, Marx apresenta uma síntese do seu método. Lá, aponta que em um determinado estágio do desenvolvimento das forças produtivas, as relações de produção passariam de força motora a entrave desse desenvolvimento. A argumentação de Marcuse parece caminhar para esse apontamento, mais especificamente para quais são as consequências desse travamento das possibilidades pelas relações sociais vigentes. Tal impasse se expressa em âmbito cultural no sentido de que a relativa autonomia da “cultura superior”, ainda capaz de figurar as possibilidades não existentes, é perdida ao integrar-se como ela mesma um fator da produção e do modo de vida mercantil. Podemos dizer que toda a questão posta pelo problema da *unidimensionalidade* tem sua raiz comum na questão da integração da oposição, dos elementos de negação e transcendência, seja em âmbito político ou cultural. No caso da cultura, essa integração tem a ver com a incapacidade de superação da forma de organização da produção social da riqueza. Ao se afirmarem hegemonicamente as relações capitalistas, o que há é uma intensificação das formas de dominação da natureza e do homem. Nesse contexto, a cultura perde o seu potencial de tensionamento com a realidade social e se apresenta não mais como “imagens de outro modo de vida, mas antes aberrações ou tipos da mesma vida, servindo mais como afirmação que como negação da ordem estabelecida” (MARCUSE, 2015, p. 87):

Essa absorção do ideal pela realidade testemunha até que ponto o ideal foi ultrapassado. Ele é trazido do reino sublimado da alma ou do espírito (*spirit*) ou do homem interior e é traduzido em termos e problemas operacionais. Aqui estão os elementos progressivos da cultura de massa. A perversão revela o fato de que a sociedade industrial avançada está diante da possibilidade de uma materialização dos ideais. As capacidades dessa sociedade estão progressivamente reduzindo o reino sublimado na qual a condição do homem era representada, idealizada e denunciada. A cultura superior torna-se parte da cultura material. Nessa transformação, ela perde a maior parte de sua verdade. (MARCUSE, 2015, p. 86).

## 1.3 A transição de uma sociedade pré-tecnológica ao período da racionalidade técnica apresenta-se como elemento determinante da reintegração cultural

No seio da sociedade pré-tecnológica, o ritmo da vida ainda não havia sido tomado de todo. Ainda que a “cultura superior” ocidental tivesse um caráter afirmativo, fosse ainda privilégio de uma ínfima minoria da sociedade, ela preservava um aspecto romântico de incompatibilidade com o mundo dos negócios. Devido a isso, mesmo integradas no período tecnológico, suas imagens, ainda que arcaicas e distantes, rondam o mundo como imagens que preservam uma expectativa, a da eliminação das mazelas existentes e a promessa da felicidade mediante a beleza da forma. É a essa transição de uma sociedade pré-tecnológica, com resquícios feudais, e um ritmo de produção e vida ainda em grande medida agrário, à sociedade tecnológica, transformada espacialmente pelo modelo urbano e tecnicamente pela indústria, com um ritmo de vida acelerado e cada vez mais absorvido em todos os seus aspectos (vida cotidiana, costumes, afetos etc.), que Marcuse irá remeter a transição da cultura superior à cultura de massa. No caso, o problema da cultura de massa ora aparece como secundário, na medida em que a principal questão para ele é o ultrapassamento da cultura pela técnica, ora aparece como a forma mesma da integração contemporânea, ou seja, da integração da cultura dentro da ordem mercantil da produção material da existência. No entanto, as imagens da cultura superior ainda perduram na experiência contemporânea, pois guardam consigo imagens de uma redenção possível, figurações de algo distinto do existente:

A cultura superior do Ocidente – cujos valores morais, estéticos e intelectuais a sociedade industrial ainda professa – era uma cultura pré-tecnológica em um sentido tanto funcional como cronológico. Sua validade era derivada da experiência de um mundo que não existe mais, porque está invalidado, em um sentido estrito, pela sociedade tecnológica. (MARCUSE, 2015, p. 86).<sup>258</sup>

---

258 “É uma cultura ultrapassada [a cultura superior] e superada e apenas sonhos e regressões infantis podem recuperá-las. Mas essa cultura é, em alguns de seus elementos decisivos, também uma cultura pós-tecnológica. Suas mais avançadas imagens e posições parecem sobreviver à sua absorção em confortos e estímulos administrados; elas continuam a assombrar a consciência com a possibilidade de seu renascimento na realização do progresso técnico. Elas são expressão daquela alienação livre e consciente diante das formas estabelecidas de vida às quais a literatura e a arte se opuseram mesmo quando as adornaram” (MARCUSE, 2015, p. 88).

## **2 A alienação artística como expressão do impasse entre integração (carência de oposição) e lugar mesmo de oposição**

Quando Marcuse aborda o tema da “cultura superior”, ele não está se referindo às “sociedades fechadas”, nos termos de Lukács (*Teoria do romance*, 1916), ou mesmo às formas comunitárias de vida (*Gemeinschaft*), que integram fé, vestimentas, decisões etc. num mesmo modo de vida. A “cultura superior” de que ele fala parece ser já a cultura secularizada do período moderno, em sentido particular, mas também de modo geral a “cultura superior do Ocidente” (aquela da nítida separação entre o trabalho manual e o trabalho intelectual), tida como superior justamente por ter uma relativa autonomia frente ao mundo das necessidades, restrita a um pequeno setor da sociedade. Essa cultura é marcada pela impotência diante da realidade, é incapaz, como figuração simbólica, de alterar essa realidade, mas preserva a capacidade de mediação crítica, de tensão com a realidade social; sua base material é o mundo pré-tecnológico, permeado por resquícios feudais, agrários. Outra é a experiência da sociedade tecnológica, da sociedade industrial avançada, quando a relativa autonomia da “cultura superior” passa a compor a vida cotidiana, a produção material, enfim, passa a ser integrada como cultura de massa. Essa integração não se apresenta como potencialização da transcendência e da negação no âmbito da vida cotidiana, mas justamente como elemento integrante da reprodução do capital. As produções artísticas irão expressar essa transição. O conceito hegeliano de alienação denota aqui o mesmo que o conceito psicanalítico de sublimação, pois a alienação na cultura, no pensamento de Friedrich Hegel (1770-1881), tem como definição o modo de exteriorização do espírito, o seu modo de objetivação; esse é um momento de alienação, mas é a partir dele que o espírito reconcilia-se consigo. Se no conceito de sublimação há uma ambiguidade, como já dito anteriormente, o conceito de alienação traz consigo a contradição: a alienação se apresenta como momento necessário para sua posterior superação.

## 2.1 Na mudança dos tipos dos personagens da literatura se expressa o caráter da integração cultural capitalista

Marcuse inicia o texto do terceiro capítulo dizendo que, após tematizar a integração política da oposição, cabe apresentar o modo como esse processo de integração das possibilidades de negação e transcendência se manifesta no terreno da cultura, mais especificamente da literatura. Para ele, a literatura do século XVII ao século XIX apresentava em seus anti-heróis uma tensão com a realidade do capitalismo ascendente. No caso da literatura do século XX, retirando desse quadro a experiência das vanguardas como surrealismo e dadaísmo, seus personagens não expressam mais uma tensão, não apontam outras possibilidades contrárias ao vigente, mas são como que imagens bizarras do mesmo modo de vida. Essa transição tem como característica central a distinção que Marcuse faz entre cultura afirmativa e negadora. Não que haja uma espécie de dicotomia nostálgica entre um passado perdido e um presente rebaixado, mesmo a cultura clássica e romântica tem ainda seus traços afirmativos, assim como na cultura contemporânea ainda se encontra uma produção negadora, mas o diagnóstico de Marcuse é o de um traço mais geral acerca de como a sociedade industrial avançada aniquila qualquer forma de cultura não integrada, parcialmente autônoma, passando a conter seus potenciais na medida em que estabelece “um pluralismo harmonizador, em que as obras e as verdades mais contraditórias coexistem pacificamente na indiferença” (MARCUSE, 2015, p. 89):

E na literatura, essa outra dimensão é representada não pelos heróis religiosos, espirituais e morais (que frequentemente sustentam a ordem estabelecida), mas antes por personagens perturbadores como o artista, a prostituta, a adúltera, o grande criminoso e o pária, o guerreiro, o poeta rebelde, o demônio, o louco – aqueles que não ganham a vida, pelo menos de um modo ordeiro e normal. (MARCUSE, 2015, p. 87).<sup>259</sup>

---

259 “O vampiro, o herói nacional, o beatnik, a dona de casa neurótica, o gangster, a estrela, o magnata carismático desempenham uma função muito diferente e até mesmo contrária àquela de seus predecessores culturais. Eles não são imagens de outro modo de vida, mas antes aberrações ou tipos da mesma vida, servindo mais como afirmação que como negação da ordem estabelecida” (MARCUSE, 2015, p. 87).

## 2.2 É o caráter ambíguo da alienação artística aquilo que foi administrado nas produções culturais

Como dito anteriormente, o conceito hegeliano de alienação do espírito na cultura, a sua exteriorização que lhe permite um retorno a si, tem relação direta com o conceito psicanalítico de sublimação: “A alienação artística é sublimação” (MARCUSE, 2015, p. 97). Esse caráter sublimador da arte é, para Marcuse, algo de diverso da alienação do trabalho humano na produção capitalista, pois denota algo de mediado, consciente e capaz de trazer à tona uma tensão com a realidade social. Talvez lhe escape que a consciência de classe está diretamente relacionada à experiência desta mesma classe, portanto, não se trata de considerar a atividade material apenas uma alienação no sentido negativo, enquanto que à “cultura superior” caberia algum tipo de mediação, pois a própria luta social se apresenta como o lugar de uma “tomada de consciência” diante da realidade alienante (como no livro *História e consciência de classe* de Lukács). Como não cabe aqui desenvolver de modo mais amplo esse problema, a questão de Marcuse acerca do caráter sublimador da arte tem a ver com a sua capacidade de figuração do não existente: “O que eles lembram e preservam na memória pertence ao futuro: imagens de uma gratificação que eliminaria a sociedade que as suprime” (MARCUSE, 2015, p. 88). É esse caráter, por assim dizer utópico (não no sentido raso de figurar uma imagem acabada do futuro, mas no sentido da esperança de que o não existente encontre espaço no presente), da sublimação artística que acaba sendo contida pela sociedade industrial avançada:

Antes do advento dessa reconciliação cultural, a literatura e a arte eram essencialmente alienação, sustentando e protegendo a contradição – a consciência infeliz do mundo dividido, as possibilidades fracassadas, as esperanças não realizadas e as promessas traídas. Elas eram uma força racional, cognitiva, revelando uma dimensão do homem e da natureza que era reprimida e repelida na realidade. (MARCUSE, 2015, p. 89).

## 2.3 O efeito do estranhamento como figuração do não existente, portanto, como possibilidade de negação

Mesmo no contexto da sociedade técnica, da sua reintegração cultural, e ainda que a realidade técnica tenha ultrapassado o imaginário artístico, esse ainda pode ser um fator de tensão com o mundo vigente, e não apenas de reapresentação bizarra do mesmo. Esse fato se dá na capacidade, por exemplo, de fazer as coisas ausentes se manifestarem (Marcuse citando Paul Valéry). O efeito do estranhamento, presente no teatro de Brecht ou mesmo nos poetas de vanguarda, tem por principal elemento o de fazer falar o que emudecia, fazer ver o que andava nas sombras, de ouvir sons ainda não tocados. A capacidade de tensionamento, de abertura para a contradição, de abertura dos elementos de transcendência ao mundo dos negócios é esse movimento de tornar presente as coisas ausentes. É a capacidade de quebrar a lógica formal, que diz “aquilo que é não pode não ser”, fazendo irromper um elemento dialético crucial: o não mais ser. É esse não mais ser, essa transitoriedade, esse movimento que marca tudo que é, que confronta tudo que é com o seu outro, tudo aquilo que não é, a principal força da poesia, da capacidade sublimadora da arte. O efeito de estranhamento tem a característica dialética de tornar estranho tudo aquilo que aparece como natural. Ele tem a força de alimentar a contradição tão necessária à mudança da ordem das coisas:

E como a contradição é o trabalho do Logos – a confrontação racional do ‘que não é’ com ‘o que é’ – ela deve ter um meio de comunicação. A luta por esse meio, ou antes, a luta contra sua absorção pela unidimensionalidade predominante, manifesta-se nos esforços de vanguarda para criar um estranhamento que tornaria a verdade artística novamente comunicável. (MARCUSE, 2015, p. 93).<sup>260</sup>

---

260 “Paul Valéry insiste no compromisso inescapável da linguagem poética com a negação. Os versos dessa linguagem ‘ne parlent jamais que de choses absentes’ [‘que sempre falam apenas de coisas ausentes’]. Eles falam daquilo que, embora ausente, assombra o universo estabelecido do discurso e do comportamento como sua possibilidade mais proibida – nem céu nem inferno, nem bem nem mal, mas simplesmente ‘le bonheur’ [‘a felicidade’]. Assim, a linguagem poética fala daquilo que é desse mundo, que é visível, palpável, audível no homem e na natureza – e daquilo que não é visto, tocado, ouvido” (MARCUSE, 2015, p. 94).

### **3 A dessublimação repressiva como outra forma de captura da subjetividade, e agora pelo viés do princípio de prazer**

Para Marcuse, a sociedade industrial avançada apresenta um dado novo na relação entre princípio de prazer e de realidade. Se antes o princípio de realidade, como modo de inscrever uma interdição às pulsões e prazeres dos indivíduos, se apresentava como o princípio da experiência civilizatória, agora “O Princípio de Prazer absorve o Princípio de Realidade” (MARCUSE, 2015, p. 97). Não se trata apenas de apontar uma mais-repressão inerente ao processo de mais-valia, mas particularmente na experiência do *estado de bem-estar social* os processos de contensão, de administração, ainda que tragam consigo o elemento da mobilização total de um *estado de guerra*, o elemento do mais-prazer acaba se tornando central. A esfera da vida cotidiana, do tempo livre, e mesmo do próprio trabalho, passa a incluir o gozo, a satisfação como modo de criar uma consciência feliz, incapaz de tensionar com este mundo. Se a consciência infeliz é a marca de uma vontade abstrata, que não encontra no mundo uma unidade com seu desejo, a consciência feliz é uma fina camada de satisfação, mediante a liberação dos prazeres, erigida por sobre um mundo fundado na frustração e na infelicidade. Ao se falar em dessublimação, o diagnóstico não é o de uma superação da necessidade de sublimação devido a uma realização do desejo, ao contrário, trata-se de um alargamento do princípio de prazer que é todo ele já contido na forma de vida vigente; a liberação dos prazeres, ao invés de se apresentar como um ganho na liberdade humana, acaba por tornar-se o modo de inviabilizar a subjetivação da repressão que funda a sociedade industrial avançada.

#### **3.1 A representação da sexualidade na literatura clássica e romântica em contraste com a literatura contemporânea expressa o problema da dessublimação**

O problema que aparece se relacionarmos as narrativas da literatura do período pré-tecnológico com as narrativas do período da sociedade industrial avançada, é o da relação entre mediação e imediatez. A figuração da libido nos romances clássicos e

românticos tinha o caráter de mediação, de subjetivação da experiência libidinal; na literatura contemporânea, ao contrário, a orgia, o desregramento dos prazeres apresenta-se como momento de liberação, no entanto, esta acaba por render-se à satisfação e, assim, torna-se incapaz de subjetivação. No caso, a capacidade destruidora do erotismo frente ao Princípio de Realidade socialmente instituído – “Realização é destruição” (MARCUSE, 2015, p. 101) – aparece não como um mais além desta realidade, um “acima do bem e do mal, acima da moralidade social” (MARCUSE, 2015, p. 102), mas como agressividade e, assim, acaba sendo satisfeita produtivamente pela sociedade vigente, por exemplo, na justificação da guerra, na justificação das mazelas existentes: “O risco supremo e mesmo a realidade da guerra encontrariam não apenas uma aceitação impotente, mas também a aprovação pulsional por parte das vítimas” (MARCUSE, 2015, p. 103). Tal dessublimação institucionalizada, controlada, tem relação direta com a redução do erotismo ao sexo e com a constituição de uma personalidade autoritária, fascista:

A maneira pela qual a dessublimação controlada pode enfraquecer a revolta das pulsões contra o Princípio de Realidade estabelecido pode ser esclarecida pelo contraste entre a representação da sexualidade nas literaturas clássica e romântica e em nossa literatura contemporânea. (MARCUSE, 2015, p. 101).<sup>261</sup>

### **3.2 O caráter amplo do erotismo acaba por reduzir-se ao sexo, à genitália**

Ainda que a teoria freudiana do psiquismo estabeleça a sexualidade, a energia libidinal como marcadamente sexual, Marcuse argumenta que nos últimos trabalhos de Sigmund Freud (1856-1939) há uma diferenciação entre a pulsão no sentido sexual e de Eros como o conjunto do organismo. Na experiência da sociedade industrial avançada, o elemento técnico torna-se central também para a compreensão da “mudança no uso social da energia pulsional” (MARCUSE, 2015, p. 98). A mecanização reduz o

---

261 “Assumindo que a Pulsão Destrutiva (em última análise: a Pulsão de Morte) é um amplo componente da energia que alimenta a dominação técnica do homem e da natureza, parece que a capacidade crescente da sociedade de manipular o progresso técnico também aumenta a sua capacidade de manipular e controlar essa pulsão, isto é, de satisfazê-la ‘produtivamente’”. (MARCUSE, 2015, p. 103).

erotismo, elemento constitutivo do organismo humano, pois reduz o próprio ambiente da atividade e passividade humana. Assim, às atividades mecanizadas, à redução da paisagem que lhe é inerente (a quebra a integralidade da atividade artesanal e sua consequente redução em atividades especializadas), corresponde essa mudança de orientação da energia pulsional: reduz-se a energia erótica e intensifica-se a energia sexual. Se a liberdade tem a ver com uma capacidade de subjetivação, de mediação das limitações impostas, a intensificação da pulsão sexual tem como consequência o imediatismo da satisfação. Portanto, o problema para Marcuse é o de perceber como as transformações técnicas, sua ampliação da capacidade de ampliar a satisfação humana, se apresenta, dentro da forma de vida vigente, como uma redução do erotismo próprio à energia pulsional a uma intensificação do elemento parcial da energia sexual:

Assim, diminuindo a energia erótica e intensificando a energia sexual, a realidade tecnológica limita o escopo da sublimação. No aparato mental, a tensão entre o que é desejado e o que é permitido parece consideravelmente reduzida e o Princípio de Realidade parece não mais requerer uma transformação indiscriminada e dolorosa das necessidades pulsionais. O indivíduo deve adaptar-se a um mundo que não parece exigir a negação de suas necessidades interiores – um mundo que não é essencialmente hostil. (MARCUSE, 2015, p. 99).

### **3.3 A dessublimação institucionalizada como fator crucial da personalidade autoritária e do fascismo**

É preciso relacionar a redução do erotismo ao sexo, o elemento da agressividade, o predomínio do princípio de prazer e da imediatez com a personalidade autoritária, e esses com a dialética entre estado de bem-estar social e estado de guerra. São elementos que Marcuse apenas deixa como apontamento, mas não desenvolve. O importante é não esquecer que “Os conflitos do indivíduo infeliz agora parecem muito mais passíveis de cura que aqueles que foram causados pelo ‘mal-estar na civilização’” (MARCUSE, 2015, p. 101), pois as possibilidades técnicas nos permitem ampliar o reino na liberdade de modo até aqui praticamente inconcebível. O problema é justamente o modo como a sociedade industrial avançada irá integrar os aspectos de oposição política, artística e

erótica. Mais especificamente quanto ao erotismo, a agressividade e a imediatez própria da intensificação da satisfação sexual acaba dando margem para um tipo de mobilização da infelicidade (da insatisfação) que subjaz a essa falsa realização do desejo, qual seja, a mobilização que ao invés de mediar criticamente a forma de organização social estabelecida passa, ao contrário, a afirmá-la e a defendê-la. Essa mobilização se expressa no fascismo e tem como principal característica a agressividade a tudo que possa incomodar o falso reino da consciência feliz, integrada.

Certamente, há infelicidade generalizada e a consciência feliz é bastante frágil – uma fina camada sobre o temor, a frustração e o desgosto. Essa infelicidade se presta facilmente à mobilização política; sem espaço para o desenvolvimento da consciência, ela pode se tornar o reservatório pulsional para um novo modo fascista de vida e morte. (MARCUSE, 2015, p. 101).

#### **4 Considerações finais**

Ainda que o diagnóstico de Marcuse acerca da dessublimação repressiva tenha a ver com a sua leitura da integração das formas de oposição presentes na cultura, ele detém um apontamento político crucial: é no apelo ao princípio de prazer, à satisfação (sobretudo sexual) que lhe é inerente, que o capitalismo em seu estágio industrial avançado passa a administrar a subjetividade. Se esta, com o predomínio da repressão civilizatória, tinha na lida com as formas sociais da repressão um aprendizado de mediação e negação próprio da faculdade de sublimação, com o advento da liberação dos prazeres o que poderia se apresentar como ganho em liberdade, como caminho de emancipação, passa a ser ele mesmo o princípio a partir do qual se administra a força libertadora do erotismo. Essa transição da subjetividade tem nas imagens da literatura o seu registro. Essa subjetividade está diretamente articulada à polaridade complementar entre o estado de bem-estar social europeu do segundo pós-guerra e o estado de guerra permanente na periferia do mundo, o sustentáculo desse relativo bem-estar. Ora, é justamente o “cidadão de bem”, o trabalhador comum integrado ao ordenamento jurídico que regula a força de trabalho, que lhe permite alguns direitos e poder de consumo, que passa a defender de modo violento tudo aquilo que possa vir a perturbar o

enganoso reino de sua consciência feliz, satisfeita com o acesso permitido pela ordem do capital no contexto de sua abundância tecnológica. Esse elemento de integração da subjetividade é um dos aspectos cruciais para compreendermos os impasses das possibilidades de contestação social no presente.

## Referências:

HEGEL, G. F. W. **Fenomenologia do Espírito**. Trad. de Paulo Meneses e Karl-Heinz Effen. Petrópolis: Ed. Vozes, 1992.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica**; tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

LUKÁCS, Georg. **História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista**. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

MARCUSE, Herbert. **O homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada**; tradução de Robespierre de Oliveira, Deborah Christina Antunes e Rafael Cordeiro Silva. São Paulo: EDIPRO, 2015.

MARX, Karl. **Grundrisse**. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011.